

## **TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR E PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: UM GRANDE DESAFIO**

Fernanda Maria Martins Monteiro; Lilian Luzia Martins de Melo;  
Orientador :Valdiego José Monteiro Tavares

[nnanda\\_cg@hotmail.com](mailto:nnanda_cg@hotmail.com) – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo ressaltar como o Transtorno Desafiador Opositor (TOD) pode interferir no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração que o TOD se apresenta como uma das causas mais frequentes que levam o aluno-paciente ao psicólogo, já que se trata de um transtorno psicológico muito frequente durante a fase da infância, e geralmente se dá mais em meninos do que em meninas, que na maioria das vezes, já estão inseridos no âmbito educacional. Tal transtorno é caracterizado por um padrão repetitivo da conduta antissocial marcado pela agressividade e violação das normas sociais. Os sinais mais frequentes de que uma criança é portadora do Transtorno Desafiador Opositor (TOD) podem ser reconhecidos pelo profissional da educação, através do discurso pedagógico, que seria a famosa “falta de limite” imposto pelos educadores. Diante disso, várias questões sobre o TOD foram enfatizadas neste trabalho, uma delas foi mostrar a grande importância de se trabalhar de forma lúdica, pois as crianças com Transtorno Desafiador Opositor tendem a não prestar atenção nas aulas. Através de brincadeiras o professor despertará a atenção deles passando a adotar melhores práticas pedagógicas. Assim, percebe-se como é importante que aconteça o diálogo entre professor – aluno - família, já que o apoio familiar é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança.

Palavras Chaves: Transtorno Opositor Desafiador, Ensino; Aprendizagem; Ludicidade

Atualmente compreendemos que são muitas as dificuldades enfrentadas para se desenvolver um excelente processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista, os sérios problemas comportamentais que as crianças apresentam, problemas esses que, por vezes, são identificados no ambiente escolar, de maneira mais específica, dentro da sala de aula. Em meio a tantas problemáticas que permeiam esse processo, neste artigo, pretende-se abordar a temática do transtorno desafiador opositor, um sério problema que interfere negativamente no desenvolvimento, nos âmbitos cognitivo e emocional, que possui como principal característica o fato de que os indivíduos apresentam atitudes inadequadas, consideradas inaceitáveis com características antissociais.

De acordo com A Classificação Internacional de Doenças (CID-10) aponta que os transtornos desafiadores opositores são caracterizados por padrões persistentes de conduta dissocial,

agressiva ou desafiante. Sendo assim as mesmas não aceitam errar e não entende que esta suscetível à possíveis falhas no decorrer da sua vida mesmo com a logica mostrando que suas concepções estão erradas, assim, gera conflitos nos grupos ao qual participa e em sua família como uma pessoa incapaz de aceitar uma posição, com visão de apenas suas concepções como verdade absoluta. As crianças passam a ser evitadas e sofrem com o bullying.

Esse Transtorno pode surgir em qualquer etapa de vida, mas geralmente surge por volta dos 6 aos 12 anos de idade, em muitos casos é de uma criança que já possui um TDAH (50% dos casos), é necessário analisar o comportamento em buscar de entender e encontrar soluções para eventuais dificuldades de aprendizagem.

No ambiente escolar essas crianças tendem a ser resistentes em relação aos conteúdos ensinados, é necessária uma mudança multidisciplinar e tem tratamento baseado em três eixos: medicação, a psicoterapia comportamental e o suporte escolar. Para a produção deste artigo foi feita uma pesquisa bibliográfica em autores como AQUINO (1996), TEIXEIRA (2009), TIBA (2006), CID -10 entre outros.

O DSM-5 (2014, p. 462) traz como definição que o TOD como “um padrão de humor raivoso/irritável, de comportamento questionador/desafiante ou índole vingativa com duração de pelo menos seis meses”. Ressalta também que alguns critérios de diagnósticos serão especificados em outro tópico deste trabalho. A CID-10, na classificação F91.3, define o TOD como um:

Transtorno de conduta, manifestando-se habitualmente em crianças jovens, caracterizado essencialmente por um comportamento provocador, desobediente ou perturbador e não acompanhado de comportamentos delituosos ou de condutas agressivas ou dissociais graves (CID-10, 2012, p. 372).

Teixeira (2014, p. 18-19), assegura que o TDO consiste em “um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis, desafiadores e desobedientes observados nas interações sociais da criança com adultos e figuras de autoridade”.

Ele ainda afirma que o transtorno pode se apresentar também nos relacionamentos da criança com os colegas, sendo comum na idade escolar.

Pinheiro (2004), em concordância com os demais autores, menciona que o TDO é um transtorno disruptivo, com características globais de desafio, desobediência e hostilidade. Como também Barletta (2011) vai ao encontro de outros autores ao enfatizar que tais comportamentos são adotados constantemente contra as pessoas que representam papéis de autoridade sobre o indivíduo – principalmente, os pais, outros familiares e professores.

Dentro do contexto escolar, especificamente dentro da sala de aula, o professor encontra um universo composto por indivíduos, que se comportam, pensam, falam, e agem de forma completamente diferentes, cada um com seu temperamento, mas também com suas divergências e, em muitos casos, com problemas emocionais, afetivos e sociais.

Em meio a tantos obstáculos que cercam a vida das crianças, comumente percebemos que a escola é intimada socialmente para dar conta de inúmeras demandas, especialmente, porque a maioria das limitações e dificuldades dessa parcela da população passa a ser mais observada quando atinge a idade escolar, pois, muitas vezes, se refletem em problemas de aprendizagem.

Com isso percebemos na sociedade como um todo, um grande aumento da violência com isso existe uma discursão sobre a diminuição da maior idade penal têm feito com que um desses problemas de aprendizagem esteja sendo bastante comentado na atualidade: o Transtorno Desafiador Opositor (TOD).

Esse tipo de comportamento não é observado de forma diferente em sala de aula, onde o professor observa o comportamento do aluno e os sinais são bem perceptíveis, indo bem mais além do que apenas travessuras normais da idade de crianças.

O aluno que apresenta TOD caracteriza-se por ter dificuldade de estabelecer relações satisfatórias comunicativas, dificuldade de concentração, baixo índice de rendimento escolar relação inadequada e conflituosa com o professor e com os colegas, esses sintomas variam de acordo com a idade, maturidade e capacidade cognitiva.

É extremamente delicado para o professor e exige que o mesmo tenha conhecimento sobre o assunto para que, assim possa identificar o comportamento do aluno como um transtorno desafiador opositor, e assim poder ajuda-lo

bem como entender e conseguir sair de determinadas situações de “conflito” que por vezes surgem no cotidiano escolar.

Não é fácil para o professor lidar com situações como essa em sala de aula, uma vez que, o portador desse transtorno gera situações que causam um grande desconforto durante as aulas, chegando por vezes a atrapalhar o bom desempenho da turma, conduzindo, por vezes, o professor a tomar medidas drásticas como, por exemplo, retirar o aluno da sala, o que não seria o certo segundo os métodos de inclusão.

É importante ressaltar que quase sempre o portador desse problema não busca ajuda e, geralmente, a opinião dos pais não coincide com a do professor, gerando um desacordo que agrava ainda mais o problema.

Cabe ao Professor buscar estabelecer um diálogo positivo com a família e, principalmente, com o educando no sentido de ajudar envolvendo todo o corpo escolar e também a ajuda de um profissional da área da saúde para que possa acompanhar esse processo de interação junto com o professor.

Compreendemos a escola como um ambiente mais fechado se compararmos a família e a sociedade, pode-se perceber os sentimentos e as ações que as crianças expressam dentro deste ambiente. Assim pode-se compreender que neste ambiente o desempenho dos alunos podem ser avaliados por profissionais que fazem parte deste âmbito, de acordo com a faixa etária bem como o seu ambiente social. Para isso, o professor, que é o profissional que tem o maior contato com o aluno, teria que ter entendimento a cerca do transtorno, para que fosse, eficazmente detectado algum problema ou transtornos que pudessem interferir na vida social e no desenvolvimento da criança, para que assim pudesse ter de maneira imediata a intervenção e o apoio da instituição escolar.

No contexto escolar, de maneira específica a sala de aula, o professor é importante, pois o mesmo pode agir beneficentemente ou, pode ainda, agravar situações emocionais do aluno, assim, é imprescindível que ocorra um preparo e sensibilização desse profissional perante as situações diversas que podem ocorrer, pois, os alunos podem trazer do mundo externo, ou seja, que perpassa os muros da escola,

sentimentos e situações decorrentes de violências e agressões, que podem acarretar em um

comportamento considerado, por muitos profissionais, inadequado para o ambiente escolar. E o professor pode influenciar de maneira positiva ou negativa, irá depender de como o professor irá se portar diante do aluno, bem como diante da situação “problema” que o mesmo possa estar.

Podemos encontrar no nosso ambiente escolar, a maioria dos professores que erroneamente, acha que as crianças deveriam ter comportamento e reações iguais uma das outras, mas, prova maior que isso não pode jamais acontecer é a diferente resposta das crianças a estímulos iguais, ou seja, uma criança dita “normal” pode adaptar-se facilmente a uma nova escola, mas já para aquela criança que possui algum tipo de transtorno, esta mudança seria uma tarefa difícil e a reação mais provável seria o repúdio à situação vivenciada, a criança que é acometida com algum tipo de transtorno passa a ser rotulada de forma equivocada por parte de toda a comunidade acadêmica, inclusive, do seu próprio educador. O fato é que quando a criança, seja ela acometida de algum tipo de transtorno como também as ditas “normais” não se sente confortável, procura de qualquer jeito um maneira para chamar atenção, que poderia até ser entendido como uma forma de pedir auxílio, de clamar para que seja enxergado, com isso, normalmente, o professor acha que a criança está sendo mal criada e procura de alguma forma disciplinar aquele aluno.

Aquino (1996, p. 22) afirma:

A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a ‘falhas’ psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa.

É trabalho importante para o educador, conhecer seus alunos, saber se como é sua família, se a mesma é de base estruturada, no sentido de ser afável e de oferecer figuras que proporcionem uma relação de apego, o que esse aluno faz nas horas vagas, se tem o apoio da família e convívio com amigos da mesma idade, entre outras coisas. De acordo com Tiba (2006, p.145), “se os professores e pais tivessem conhecimento do que se passa com seus alunos e filhos, provavelmente muitos conflitos deixariam de existir”.

Sendo assim percebemos que trabalhar por meio de conflitos seria tarefa bem mais difícil para pais e principalmente para os educadores, já que, muitas vezes todos são acomodados aos princípios que regem uma educação obsoleta, onde muitas vezes encontramos uma educação ligada ao sistema tradicional de ensino, porém, seria de fundamental importância o apoio à criança em conflito para que se previnam indisciplinas que acarretem maiores proporções para estas pessoas e para a sociedade de maneira geral.

Inúmeras vezes, as escolas, bem como os professores ao se depararem com alunos com transtorno desafiador opositor, as escolas tendem logo a tentar se livrar do “problema”, acarretando a expulsão desses alunos por não obedecerem às regras que a escola lhes cobra. Sendo assim, o fracasso escolar, e, em muitos casos, a rejeição dos pais, a baixa auto-estima acaba ficando ainda pior. Algumas medidas devem ser tomadas pela escola e pelo professor, para que a inclusão desses alunos aconteça.

Para lidar com alunos com transtorno desafiador opositor, o professor deve sempre procurar algo que desperte interesse neles, nunca ir de encontro aos conflitos e questionamentos que o mesmo enfrenta, é importante que o educador tenha uma postura adequada, pois alunos com TOD tendem a imitar modelos que para eles são significativos.

É extremamente proveitoso para o professor que estabelece os combinados com os alunos, demonstrando a eles o comportamento que espera que eles tenham, mostrando as recompensas que terão com um bom comportamento em sala, bem como os “prejuízos” que poderão ter por não cumprir os combinados, sem deixar de procurar também entender por que apresentam esses comportamentos.

Para entendermos o que esta por trás de um gesto agressivo, para entendermos o que ele realmente simboliza, precisamos escutar o inconsciente. [...] Numa situação agressiva, o que existe de fato é um comportamento a ser decifrado.[...] É preciso entender a agressividade para depois lidar com ela.[...] O que devemos como educadores é dar a essa criança recursos de linguagem, para que ela seja capaz de expressar verbalmente o que se passa dentro dela (Nova Escola, 1986),

Assim percebemos que cabe ao professor entender por que estas crianças agem de tal forma, e a partir de então, procurar lidar com certo tipo de comportamento que a mesma apresenta, tentando encontrar a solução para o problema.

Para comportamento dessa criança seja modificado é de extrema importância que se trabalhe de forma lúdica. O professor pode trazer para sala jogos e brincadeiras educativas que irão estimular esses alunos a se comportarem melhor. O brincar em seu conceito traz consigo uma singularidade e especificidades distintas, que é própria da sua fase de desenvolvimento, brincando a criança aprendem a pensar, a lidar com situações adversas, rever sua realidade e a partir daí cria seus conceitos; conceitos estes que irão conduzi-las à uma vivência única dentro do seu contexto social. Através do brincar a criança apreende conceitos e cria realidade que irão ser conduzidas durante toda a sua vida.

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também se tornam autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em práticas suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata (BRASIL, 1998, p.23).

Ao nos depararmos com alunos com transtorno desafiador opositor o educador deve planejar estratégias pedagógicas que tenham como objetivo motivá-los, já que para eles é muito difícil se interessar pelas aulas, se tornando assim para o professor um grande desafio. Além de uma nutrição adequada e uma saúde de qualidade a criança, seja ela dita normal, portadora de algum tipo de deficiência, bem como algum tipo de transtorno, necessita de brincadeiras para se desenvolver, pois o brincar contribui para o desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social.

Assim, diante das teorias lidas e analisadas, podemos levantar as seguintes considerações acerca da influência do Transtorno Desafiador Opositor no processo de aprendizagem do indivíduo. Com isso o objetivo do nosso trabalho foi enfatizar como o TOD (Transtorno Desafiador Opositor) interfere no processo de ensino-aprendizado do educando.

Primeiramente, o nosso esboço teórico possibilitou definir o Transtorno Desafiador Opositor como sendo uma patologia que modifica ou influencia o comportamento do indivíduo tornando-o antissocial, ou seja, a criança se torna agressiva e principalmente não se arrepende de maneira alguma das suas ações, ou seja, não sente rancor com os atos maldosos que pratica. Mas, uma criança com Transtorno Desafiador Opositor se diferencia de uma criança mal comportada, por exemplo, já que uma criança caracterizada somente pelo mau comportamento vai se arrepender de algum modo dos quais cometeu, onde o com TOD não

irá se arrepender do tipo de comportamento que apresentou.

O processo de identificação de uma criança com TOD em sala de aula se dá principalmente pela percepção do professor, que pode identificar através do comportamento antissocial do seu aluno, quando acontecem no cotidiano escolar violações mais graves do que apenas travessuras e comportamentos normais de uma criança na mesma faixa etária que se encontra.

Diante disso, várias questões sobre o TOD foram enfatizadas neste trabalho, uma delas foi mostrar a grande importância de se trabalhar de forma lúdica, pois as crianças com Transtorno Desafiador Opositor tendem a não prestar atenção nas aulas. Através de brincadeiras o professor despertará a atenção deles passando a adotar melhores práticas pedagógicas.

Assim, percebe-se como é importante que aconteça o diálogo entre professor – aluno – família, já que o apoio familiar é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

BALLONE, G. J. MOURA, E. C. Transtornos Emocionais na Escola. Parte 1 in. Psiqweb: 2008. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/interrogaarea=NO/LerNoticia&idNoticia=127>. Acesso em vinte de dois de abril de 2018.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa M. Hessel. A Revista Nova Escola e a Constituição de Identidades Femininas ao Magistério. In: COSTA, M. V.O Magistério na Política Cultural. Canoas: Ulbra, 2006, p.19)

TEIXEIRA, Gustavo. Transtorno Desafiador Opositivo. In: TEIXEIRA G. (Org.). O Reizinho da Casa. Rio de Janeiro: Rubio, 2009. P. 09-17.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. 85ª ed. São Paulo: Integrare, 2006.